



Histórias de uma balseira em águas turvas: Ideologia, Comunicação e Política no Blog da cubana Yoani Sánchez¹

Marcelo da Silva Rocha²

Juliana Zanini Salbego³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O presente artigo busca examinar a relação entre ideologia e comunicação, a partir dos textos da cubana Yoani Sánchez, do blog *Generacion Y*, e que foram compilados no livro “De Cuba, com carinho”, publicado no Brasil em 2009. Nesse sentido, pretendemos discutir ideologia, na concepção de J. B. Thompson bem como o discurso político, em Charaudeau, articulados a um processo histórico de interdições à leitura e escrita e suas implicações, em especial, em contextos discricionários.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Ideologia; Discurso Político; Relações de Poder.

Para pessoas nascidas em Cuba, nos anos 70 e 80, sob um cenário marcado por escolas rurais, saídas ilegais, pela perda dos subsídios soviéticos, além do panorama de opressão, restou uma pequena lacuna de liberdade: a da criação onomástica. Assim, o nome Yoani (com “ípsilon”), segundo a própria autora, busca escapar da padronização excessiva pelas quais os cubanos passavam – e ainda passam- cotidianamente. Formada em Letras, com especialização em filologia, Yoani passou a escrever, em 2007, o que chama de “desencantadas vinhetas da realidade” (p.12) e desde então não teve mais sossego. Seu blog, *Generación Y*, passou a ser um dos mais visitados do mundo, com milhares de acessos mensais. Começou, por conseguinte, a chamar a atenção mundial, especialmente dos que vêm a internet como um importante e potencial veículo na reflexão sobre problemas políticos e sociais.

Em 2008, Yoani foi agraciada com o prêmio Ortega e Gasset, de jornalismo digital, concedido pelo grupo espanhol *Prisa* e eleita pela revista *Times*, na categoria

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa – Unipampa- Campus São Borja. Doutor em Teoria Literária (PUCRS) e coordenador do Grupo de Pesquisa História da Mídia (GPHM), Unipampa. E-mail: marcelorocha@unipampa.edu.br

³ Professora Assistente da Universidade Federal do Pampa – Unipampa – Campus São Borja. Mestre em Comunicação Midiática (UFSM) e integrante do Grupo de Pesquisa em História da Mídia (GPHM), Unipampa. E-mail: julianasalbego@unipampa.edu.br



“Heróis e Pioneiros”, uma das cem pessoas mais influentes do mundo. Seus feitos, evidentemente, não foram reconhecidos em seu país. Pelo contrário, o blog *Generation Y* a despeito de ser traduzido em 15 idiomas, teve seu conteúdo bloqueado em Cuba.

Além dos problemas em relação ao conteúdo, Yoani Sánchez precisa adaptar-se à tecnologia de que dispõe bem como com à escassez de recursos. O laptop que possui foi comprado de um balseiro que precisava de um motor de Chevrolet. O acesso à internet passa por provedores públicos e o custo para a navegação é alto. Ademais, existe o filtro e a censura e, em alguns casos, certos sites são bloqueados.

Sánchez destaca que começou o blog sem calcular seus efeitos. Desse modo, admite que a escolha pela escrita possa tornar-se perigosa, na medida em que um texto opinativo acaba por delatar o próprio autor. A blogueira ainda acrescenta sobre algumas características de seus escritos:

“Não tenho a objetividade do analista, as ferramentas do jornalista nem a leve moderação de um professor universitário. Meus textos são passionais e subjetivos. Cometo o sacrilégio de usar a primeira pessoa do singular e meus leitores sabem que só falo daquilo que vivi” (SÁNCHEZ, 2009, p. 15-16).

Os perigos da escrita e da leitura independem da época e do suporte e, não raramente, transgridem a ordem estabelecida em regimes discricionários. Ao seguir um percurso histórico, a Antiguidade Clássica, já possui alguns precursores que admoestavam sobre os possíveis perigos do texto.

A história da escrita, por exemplo, como ação perniciosa remonta a Platão, especialmente no diálogo em que Sócrates fala com Fedro, texto que leva o nome desse último⁴. Platão já havia condenado, em sua *República*, a atividade dos poetas, posicionando-se favoravelmente apenas em relação à poesia laudatória. Essa poesia teria uma utilidade final, qual seja, a de representar a perfeição de um Estado ideal, governado por filósofos.

Platão não perde de vista os possíveis perigos vinculados à escrita. Talvez o principal deles, para o filósofo, fosse a perda do caráter sagrado e centralizador da transmissão oral da tradição. Por conseguinte, essa laicização da cultura significaria a descentralização do conhecimento, retirando-o do monopólio dos religiosos e, mesmo dos filósofos, facultando ao indivíduo a organização de suas próprias verdades.

⁴ PLATÃO. Fedro. In: *Diálogos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.



À parte disso, o que Platão admoesta em *Fedro*, por meio da narração do mito de Thot ao rei Tamuz, de Tebas, diz respeito às temíveis conseqüências da escrita, dentre as quais é possível ressaltar: a lembrança exterior da matéria do conhecimento, por meio de sinais (e não uma lembrança em si mesmo), a aparência da sabedoria (em vez da verdade) e, por fim, a transformação dos homens em sábios imaginários (ao invés de verdadeiros sábios).

Algum tempo depois, é a Igreja quem assume o monopólio acerca da liberação ou não de obras para os leitores. Em 1559, a Sagrada Congregação da Inquisição Romana elabora uma lista de livros considerados perigosos para a formação da moral dos católicos e conspurcação da fé. Esse catálogo torna-se conhecido por *Index Librorum Prohibitorum* e tem a sua última impressão em 1966, ou seja, mais de quatrocentos anos depois de sua criação. Dentre os textos banidos, na última edição, constam obras de Voltaire, Diderot, Collete e Graham Greene. Assim, a leitura afirma-se, também, como portadora de caráter sacrílego e sua prática consolida-se como evasiva e apartada das relações sagradas ou necessárias da realidade.

A criação da prensa mecânica, em 1450, é um fator determinante para a difusão das obras escritas. Contudo, mais uma vez o perigo vaticinado por Platão toma forma, pois quanto maior o número de obras impressas e maior a sua divulgação, o público leitor aumenta, gerando, assim, em ciclo, um descontrole na orientação do conhecimento e uma provável perda da coesão social. O livro, na sua materialidade física e em seu conteúdo, ainda teria o seu acesso restrito aos sacerdotes, durante a Idade Média, e aos estudantes, devidamente conduzidos, com a criação das primeiras Universidades na Europa.

A obra *Tratado da educação das moças*, de Fenelon, em 1687, como afirma Zilberman⁵, anuncia uma tendência que irá se estabelecer no século seguinte: os textos voltados para o público feminino. Dali para adiante, a mulher demanda uma formação específica, pois, se prepara para a sociedade burguesa. Esses textos, voltados para as leitoras, tratam de restringir suas atuações na sociedade, vinculando-as, sobretudo, ao espaço doméstico.

⁵ ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001. p. 66.



A prática da leitura em nada contribuiria para o cotidiano do trabalho burguês. Ao adquirir um caráter transcendente e, por esse motivo, socialmente prejudicial, a leitura converte-se em um vício entorpecedor dos sentidos - como no caso da protagonista de *Madame Bovary*, de Flaubert. Afastando o leitor da realidade, diziam os críticos, a leitura gera atitudes sentimentais e escapistas que deveriam ser controladas e advertidas pelos especialistas. Com esse intuito, surgem alguns textos alertando para as posturas corporais e efeitos deletérios à saúde, como consequência de leituras intensivas, conforme descreve Darton⁶ ao mencionar um folheto de J. G. Heizemann, de 1795, ressaltando as possíveis doenças associadas a quem lê:

Suscetibilidade a resfriados, dores de cabeça, enfraquecimento dos olhos, ondas de calor, gota, artrite, hemorróida, asma, apoplexia, doença pulmonar, indigestão, obstipação intestinal, distúrbio nervoso, enxaqueca, epilepsia, hipocondria e melancolia (1992, p.219).

Como é possível perceber o texto, ficcional ou não, articulado a determinados contextos pode ser compreendido como provocação ou transgressão. O ato da leitura tende a ser sufocado em governos autoritários, na medida em que essa prática pode se constituir em perigoso auxílio para a compreensão e comunicação de ideias e desejos distintos em relação aos interesses do poder. Esses desejos, não raramente, devem ser interditados à maioria da população, como salienta Manguel⁷:

De um lado estão os trabalhadores, os escravos sem acesso a livros, as criaturas de ossos e nervos, a maioria da humanidade; de outro a minoria, os pensadores, a elite dos escribas, os intelectuais, supostamente aliado às autoridades, ou, ao contrário, que conspiram contra elas. Durante o regime do Khmer Vermelho de Pol Pot, no Camboja, as pessoas que usavam óculos eram mortas porque se supunha que podiam ler e, portanto, teriam acesso a informações que lhe permitiriam criticar o governo. (1997, p. 336)

O cerceamento à leitura, à escrita ou quaisquer comunicações que não sejam oficiais não são novidades no contexto cubano, pós-revolução de 59. O escritor Reinaldo Arenas, autor do célebre texto *Antes que Anoiteça*⁸, denuncia num misto de desabafo e indignação:

Os ditadores e os regimes autoritários podem destruir os escritores de duas maneiras: perseguindo-os ou oferecendo-lhes cargos oficiais. Em

⁶ DARTON, Robert. História da Leitura. In.: BURKE, Peter (org). *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

⁷ MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 336.

⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Cuba, os que optaram por esses cargos também faleceram e de uma maneira ainda mais lamentável e indigna; pessoas de talento indiscutível, depois de aceitarem a nova ditadura, jamais voltaram a escrever nada que tivesse valor. O que houve com a obra de Alejo Carpentier, depois de escrever ‘El siglo de las luces’? Bobagens incríveis, impossíveis de se ler até o final. O que aconteceu com a poesia de Nicolas Gillén? (...) Onde está agora a grande poesia de Eliseo Diego escrita nos anos quarenta? (1995, p. 120).

Os regimes autoritários, portanto, influenciam, segundo Arenas, também na criação ou produção dos artistas, em todas as suas instâncias, no que se refere à expressão ou ao conteúdo. Os textos de autores coadunados ao poder, por exemplo, parecem, então, seguir um padrão laudatório, tal como preconizava Platão, afastando-se, assim, da liberdade criativa.

A referência a elementos culturais facultam a Yoani Sánchez um cotejo com a situação política de Cuba. Em certo momento, ao comentar o controvertido filme “A onda” (2008), do cineasta alemão Dennis Gansell, que descreve o experimento de um professor de ensino médio que tenta aplicar com uma turma os mecanismos atinentes ao fascismo e ao poder, Yoani compara:

Vimos (o filme) em casa com vários amigos e a discussão persiste até hoje, pois há coincidências demais entre o que se conta no filme e nossas vidas para que possa ser visto como mera casualidade. (...) Porém nossa autocracia produziu resultados inesperados, muito distantes do fanatismo e da adoração. Em vez de soldados de cenho franzido, engendrou apáticos, indiferentes, gente mascarada, balseiros, descrentes e jovens fascinados pelo material. (...) O nosso experimento não é daqueles que duram apenas uma semana ou envolvem poucos alunos de uma sala de aula. Nossa atual condição é a de termos sido aprisionados na onda, engolidos e afogados por ela, sem nunca termos conseguido dar na praia. (SANCHEZ, 2009, p. 45-46).

O texto de Sanchez apresenta forte cunho de contestação à ideologia hegemônica cubana. Nesse sentido, cumpre salientar que a concepção de ideologia que tomamos como base é a de J. B. Thompson⁹. Para o teórico, há uma convergência entre a linguagem e o conceito de ideologia que se caracteriza como “sentido a serviço do poder” (1995, p.79). O autor destaca também a noção de assimetria que se afigura significativa em toda relação de dominação, na medida em que determinados grupos detêm o poder de modo permanente, excluindo, desse exercício outros agentes.

⁹ THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.p.79.



Thompson assinala a relevância da análise configurativa das formas simbólicas e sua utilização semântica em seus vários níveis, desde as falas linguísticas cotidianas até sua coadunação a textos complexos e linguagens semióticas. Dada a sua pluralidade de atuação, a ideologia mobiliza-se de diversas maneiras no intuito de estabelecer e sustentar relações de poder. Essas formas de atuação da ideologia manifestam-se a partir de estratégias utilizadas em circunstâncias particulares. Assim, os modos operacionais da ideologia são: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

As relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas por sua aparência de legitimidade ou consideradas dignas de apoio. Thompson recorre a Max Weber para a designação de três tipos de fundamento sobre os quais podem se configurar as legitimações: os fundamentos reacionais, que apelam para a justiça do projeto aduzido; os fundamentos tradicionais, que apelam à sacralidade em respeito às tradições e, por fim, aos fundamentos carismáticos, que se relacionam ao caráter da pessoa que exerce a autoridade.

Já a dissimulação trata de ocultar, negar ou obscurecer as relações de dominação, a fim de que a atenção seja desviada do sentido no mundo social. No que se refere à unificação, essa é a construção, no âmbito dos símbolos, de uma unidade que serve de ligação entre os indivíduos de uma coletividade, a despeito das suas idiossincrasias.

Além de diluir as diferenças numa coletividade, através da unificação, as relações de dominação se dão, outrossim, pelo afastamento daqueles que possam representar perigo aos grupos que detêm o poder.

A reificação, por sua vez, retrata uma circunstância histórica e transitória como se essa fosse perene e imutável. Com isso, os processos tomam um sentido natural e atemporal de conseqüências inevitáveis cuja alteração é negada por essa razão.

No texto Yoani, em determinado momento, a ideologia é mostrada na dissimulação das informações oficiais pelo governo. A escritora mostra uma realidade distinta da veiculada por órgãos oficiais, tal como podemos examinar no post sob o título “desemprego juvenil”:

Certas estatísticas constantes jamais são divulgadas nos meios de comunicação; na verdade elas são escondidas, apesar dos dados significativos que revelam. (...) Os noticiários e os outdoors querem nos fazer acreditar que vivemos em uma sociedade na qual todos têm a oportunidades de encontrar uma ocupação e que os excluídos assim são por sua inclinação à vagabundagem (...) Havana, às dez da



manhã de um dia de semana, é a melhor amostra de quantas pessoas não têm um trabalho para ganhar a vida. (2009, p. 102).

A dissimulação da linguagem no intuito de preservação das relações de poder afigura-se presente, também, em outra passagem descrita pela autora no momento em que descortina o sentido da palavra *companheiro*.

Durante anos, dirigir-se a outra pessoa de modo distinto da etiqueta ditada pelo Partido, podia ser entendido como um desviado ideológico. Todos éramos “iguais” e até mesmo o uso de *usted* desapareceu nessa falsa intimidade que degenerava em freqüentes faltas de respeito. (...) Aconteciam até casos tragicômicos, por exemplo, quando uma pessoa chamava de “*companheiro*” ao burocrata que o fazia esperar seis horas por um papel, embora na verdade tivesse vontade de insultá-lo (*ibidem*, p. 20).

A dissimulação, como modo operacional da ideologia vincula-se, igualmente, à perspectiva de unidade exposta na designação a todos como “*companheiros*”. Desse modo, dissimulação e unificação unem-se no propósito de manutenção das assimetrias. Fernando Morais, no controverso livro *A Ilha, um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*¹⁰, também já descrevia, há mais de vinte anos, esta peculiar designação na forma de tratamento entre os cubanos:

Em Cuba, todo mundo, homens e mulheres, é *compañero*. Nos envelopes das repartições públicas, nas cartas, nas conversas, nos discursos oficiais, ninguém é *senhor* ou *senhora*. Todo mundo é *compañero* – menos, é claro, os considerados contra-revolucionários. Estes são os *gusanos*, os vermes (2001, 137).

Na perspectiva de Thompson, a ideologia deve ser compreendida, a partir de uma concepção crítica. Formas ideológicas, contudo, podem ser contestadas e desafiadas – como tentamos sustentar aqui a partir da leitura de Sánchez – e, nesse sentido, a própria existência da ideologia ou sua onipresença provocam, por conseguinte, mecanismos contrários. A concepção ou tensão de poder oscila na batalha simbólica e sígnica, no intuito de interpretação do real representado.

Thompson parece interessado nos efeitos sociais do uso e da compreensão das formas simbólicas e como estes podem servir na sustentação reprodutiva de relações de poder e dominação. O teórico salienta, ainda, que a necessidade de um marco

¹⁰ MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

referencial metodológico, pelo qual se configura características específicas de um objeto de estudo específico.

Uma versão incipiente de crítica à ideologia oficial difundida em Cuba também aparece no texto “Dizer não”, em que a autora mais uma vez inicia a escrita com um assunto aparentemente frívolo (um presente recebido de uma amiga), mas que redundando em reflexão sobre os destinos de uma geração que foi treinada a aquiescer:

Uma amiga mexicana me deu de presente uma tartaruga de papel machê que diz “não”, que me faz lembrar as negativas que nós cidadãos nunca podemos expressar em público. No ritmo deste simpático quelônio, eu queria ressaltar tudo aquilo que desaprovo, mas que não me permitem decidir com uma cédula de voto. Mexer a cabeça para os lados, quando não se está de acordo implica uma quota maior de coragem do que afirmar ou consentir o tempo todo. (...) Poderíamos começar por dizer “não” ao centralismo, à burocracia, ao culto à personalidade, às proibições absurdas, à gerontocracia(...). “Não” é a primeira palavra que me vem à mente quando me perguntam se a Cuba de hoje se parece com a que me prometeram quando era menina (2009, p. 52).

A natureza transgressora ao discurso do poder afigura-se como essencial e recorrente nos textos de Sánchez. Sem a pretensão de apresentar-se como analista social e reiterando que não pretende ser política, a autora acaba por assumir uma postura de crítica ao discurso triunfalista do Estado, ao refletir acerca da sociedade em que vive. De certa maneira, a reação à ideologia, dá-se num sentido similar ao comportamento do intelectual, conforme preconiza o teórico palestino Edward Said¹¹:

Assim o papel do intelectual não é consolidar a autoridade, mas compreendê-la, interpretá-la e questioná-la. Isso é a nova versão do conceito de falar a verdade ao poder (...). Depois que nos aventuramos fora da academia, julgo muito difícil não ser afetado pelo que me parece a principal questão que o intelectual de hoje enfrenta: o sofrimento humano. Com efeito, a vocação do intelectual é essencialmente aliviar de alguma forma o sofrimento humano e não celebrar o que, na verdade, não precisa de comemoração, ou seja, o Estado, a pátria ou qualquer desses agentes triunfalistas de nossa sociedade (2003, p.250).

Os textos de Sánchez não buscam, de fato, celebrar o poder, mas o contestam e o provocam a partir do próprio discurso. Cumpre salientar que a trajetória da blogueira cubana inicia por escritos cotidianos, mas que, ao mesmo tempo, alcançam um caráter político na medida em que revelam as necessidades do povo cubano, suas formas de organização e as dificuldades para a subsistência. Mesmo considerando-se pós-

¹¹ SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



ideológica, os textos de Sanchez perturbam o poder estabelecido, a partir de um discurso ao mesmo tempo provocativo e sem medo.

Ao examinar a natureza do discurso político, Charaudeau¹² destaca:

Qualquer enunciado, por mais inocente que seja, pode ter um sentido político a partir do momento em que a situação o autoriza (...). Não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna. Não é o conteúdo do discurso que assim o faz, mas a situação que o politiza (2006, p. 39-40).

A “fabricação” de um discurso e sua designação como político e, por conseguinte, como adesista ou contestador a determinada ideologia depende, portanto, de sua circunstância ou do contexto social no qual ele é proferido. Este mesmo discurso é inextrincável à organização da vida social, na medida em que mostra um lugar de engajamento do sujeito, de uma justificativa de seu posicionamento e de influência do outro. Nesta última perspectiva, e no âmbito aqui examinado, o discurso pode ser compreendido, também, como uma reação ao discurso do outro. Da mesma forma, Charaudeau admite o discurso não mais como um ornamento da conduta política, mas como constitutivo do político e intrinsecamente vinculado à organização da vida social.

Em meio ao sufocante panorama de opressão, Sánchez compreende, ao menos em parte, a força dos textos postados em seu blog e compilados, depois, em livro. Seu discurso reverbera, como réplica, o discurso do outro, violento e autoritário, como um exercício de liberdade da escrita, apresentando um engajamento, mesmo que ele se constitua, conforme salienta a autora, à sua revelia.

A linguagem, evidentemente, não se apresenta como transparente, tampouco neutra. Nem poderia. Sánchez vive com intensidade aquilo que escreve, uma vez que o texto e suas consequências podem significar uma perigosa provocação ao regime estabelecido e a seus defensores. Nesse ponto, a autora não se constringe ao admitir:

Não há nada inocente em meus escritos, porque um linguista nunca poderá alegar que não conhecia de antemão a força das frases que amontoou. (...) Não posso mais vegetar a salvo como tantos outros que alcançaram tão idílico estágio de preservação pessoal graças a não pronunciar-se diante de nada. Na mesma mudez vivem milhões nesta ilha, como se soubessem de antemão o que eu comprovei meses

¹² CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.



depois de começar meu blog: que ao opinar estava delatando a mim mesma. (SÁCÑHEZ, 2009, p.16)

Na visão de Bakhtin¹³, a ideologia está atrelada ao signo linguístico e, dessa forma, a consciência surge na materialidade dos significantes que, por sua vez, não só refletem a realidade, mas também são partes integrantes dela. A palavra passa a se configurar como ideológica, na medida em que a consciência se constitui a partir de um tipo de discurso interior, isto é, na internalização de palavras. Assim, a consciência pode ser entendida como interligada a uma rede de significantes que, dada a sua presença constante em nossas vidas, passa, igualmente, a nos constituir.

O signo articula-se, assim, à base material de nossa vida social, pois ele não é apenas determinado por uma infraestrutura econômica, mas, sobretudo, estabelece a materialidade para os contextos discursivos sistematizados.

A emulação de interesses distintos e antagônicos, no âmbito do signo, compõe a definição da ideologia na proposição de Bakhtin. O signo, portanto, transforma-se no espaço em que se apresentam os conflitos sociais e, especialmente, onde a luta de classe se inicia. É justamente o movimento possibilitado por interesses sociais em conflito que sustenta o dinamismo e a vitalidade do signo social.

Ao ressaltar a linguagem como fenômeno, a um tempo individual e social, José Luiz Fiorin¹⁴ observa essa duplicidade como estrutura fundamental na elaboração discursiva. O autor salienta a ideologia como vinculada, igualmente, à linguagem e à realidade, uma vez que, a partir da materialização discursiva, os fatos são apresentados. Esse intercâmbio relativiza o caráter de plena autonomia da linguagem, como destaca o teórico:

A linguagem não possui total autonomia, tampouco não se reduz à ideologia. A linguagem é multifacetada e engloba, entre outras coisas, coerções pulsionais, arquétipos míticos, valores e juízos de dada formação social. (1997, p. 72).

¹³ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

¹⁴ FIORIN, JOSÉ LUIZ. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.



Fiorin afirma as formações discursivas como uma série de regras cujas definições a respeito do que deve ser dito são determinadas tendo em vista o contexto em que elas se inserem. Essas formações discursivas se relacionam a determinadas formações ideológicas cujas práticas discursivas serão elaboradas de acordo com determinados grupos sociais.

O discurso do enunciador, embora se apresente como individual, é moldado por uma pressão interna cujos resultados são a apropriação assimilatória e a reiteração do pensamento de um determinado grupo, como assevera Fiorin:

O discurso simula ser individual para ocultar que é social. Ao realizar essa simulação e essa dissimulação, a linguagem serve de apoio para as teses de individualidade de cada ser humano e da liberdade de pensamento e de expressão (1997, p. 42).

Com efeito, o texto de Sánchez guarda esta ambivalência apresentada por Fiorin. Apesar de aduzir problemas atinentes a questões que possam parecer individuais, em uma apressada leitura, a escrita da autora cubana acaba por expor o cerceamento à liberdade de expressão em Cuba, em função da tentativa de se preservar o aparato de dominação ideológica. Para o sociólogo Demétrio Magnoli, no fecho da edição brasileira do livro *De cuba, com carinho*¹⁵: “um blog como esse continua a ser a opinião de uma só pessoa. Mas ao mesmo tempo, converte-se em algo como um relevo na planície: a marca incontornável de uma paisagem política e intelectual (2009, p.176).”.

Assim, ao escrever sobre mais uma tentativa de conseguir permissão para viajar, Sánchez reflete sobre as causas de mais uma possível negativa e acerca de perspectivas suas e de um povo inteiro, no que se refere à livre saída do país:

Quando lerem este post, estarei sentada na sala de espera do escritório de Imigração do município de Plaza. Entre uniformes militares, o meu passaporte aguarda por uma permissão para viajar que já me foi negada em duas ocasiões. A lógica possessiva deste Estado-papai acha normal que eu, como castigo por escrever um blog, como puxão de orelha por ter pensado que era uma pessoa livre, não receba a “carta branca”. Confesso que não quero que me permitam viajar como uma dádiva; sonho, na verdade, que (...) alguém saia anunciando que um regulamento tão violador acaba de ser anulado. Pressinto que sairei de Cuba quando todos puderem fazer o mesmo livremente, mas,

¹⁵ Ibidem. p. 176.



enquanto isso, vou continuar assediando-os com minhas exigências, os meus posts e as minhas perguntas. (2009, p.110)

A escrita de Yoani configura-se solipsista em sua elaboração, mas coletiva em suas aspirações. Nesse sentido, a perspectiva política apresenta-se na forma singular em que expõe questões de violação aos direitos de liberdade do homem. Essa insistência passa a ser movida pelo apoio de seus interlocutores virtuais que, em uma rede de colaboração, protegem a blogueira de intimidações recorrentes.

A voz de Yoani não é solitária. Ela carrega um discurso histórico e várias vozes emudecidas. Seu texto é social, pois reflete ao mesmo tempo em que ajuda a constituir retratos de uma realidade muitas vezes obscurecida deliberadamente. Mas as águas turvas não intimidam a balseira virtual. Sánchez segue a navegar se expondo sem medo aos que covardemente e, do outro lado das mesas e uniformes escondem-se sob o clichê mecânico e autoritário de que “ordens são ordens”.

Chegando a um Porto (In) seguro: Considerações finais

O percurso da leitura sempre foi marcado por um histórico de proibições e transgressões. É evidente que os patrocinadores destas interdições arvoram-se na prerrogativa pretensiosa de estabelecer cânones, dogmas de fé, ou mesmo, indicações comportamentais passíveis de serem seguidas, a fim de se manter, por exemplo, o argumento da coesão social em determinadas circunstâncias.

O texto de Yoani Sánchez mostra-se, de pronto, transgressor em função da expressão de conteúdos ou temáticas provocadoras aliadas a um contexto de opressão disseminado. O fenômeno do suporte acaba por confundir os censores. Nesse sentido, os regimes discricionários ainda sentem dificuldade de se legitimar em um (ciber)espaço virtual em que várias vozes podem ser ouvidas – e lidas- ao mesmo tempo e com um mesmo grau de relevância. Este mosaico confunde. Como obstar, por exemplo, um texto que ganha o mundo e é traduzido por uma rede de colaboradores, pedindo liberdade de opinião ou simplesmente uma permissão para viajar? Como lidar com uma blogueira que mostra o rosto, indaga, denuncia e contesta deliberações autoritárias e irrefletidas? De que modo, por fim, controlar a produção e recepção de textos que criticam

determinado regime? Estas são algumas questões que atormentam os partidários do arbítrio e do silêncio imposto pelo pensamento único.

Com efeito, a palavra posta em um blog e depois transformada em livro atinge a dimensões inimagináveis para quem escreve e para quem lê. Imagine-se, por outro lado, a sensação de impotência daqueles que tentam se interpor ou, ao menos, controlar este discurso. Assim, a leitura e a escrita, mais uma vez, configuram-se como descentralizadoras da voz oficial e triunfante do Estado cubano, tal como intentamos debater aqui.

Se de um lado o blog dá um caráter de registro célere acerca de acontecimentos cotidianos, a escolha de compilação destes textos em livro, de certo modo, inscreve o texto de Sánchez em uma categoria mais perene e histórica. Os textos de *Generacion Y*, por conseguinte, tanto em forma quanto em conteúdo estão no limiar entre a fluidez do imediato e a repetição conservadora de um ideário caduco da “gerontocracia”, como ela mesma define o regime cubano.

Além disso, o discurso de Sánchez simula uma individualidade, mas carrega uma perspectiva coletiva. O próprio blog da cubana faz referência a uma geração de conterrâneos seus, das décadas de 70 e 80, que nasceram sob o signo do arbítrio da nudez imposta ante as palavras de ordem. A voz de Sánchez constitui-se, de certo modo, numa voz plural, como se a escritora fosse a metonímia de uma parcela da população extenuada pela divisão imposta pelo discurso hegemônico entre “revolucionários” e “contrarrevolucionários”. Seu texto, evidentemente, não é desprovido de intencionalidades e a autora afirma, de modo explícito, isto. Contudo, o seu mérito pode ser percebido na coragem de se mostrar e se expor aos inimigos, simpatizantes e detratores. Coragem que falta a muitos que a perseguem.

Sob a perspectiva das “formas simbólicas” que servem para estabelecer e preservar relações assimétricas de dominação, conceito pelo qual Thompson descreve sua filiação teórica à ideologia, entende-se em Sánchez uma posição diametralmente oposta ao ponto de vista do discurso proferido pelo Estado. Se Thompson opta pelo percurso crítico, desde Napoleão passando pelas teorias marxistas, ele indica uma relação inextrincável entre ideologia e poder. Nesse sentido, as formas simbólicas atuam, a partir de diversos modos operacionais, para sustentar esta relação.



Sánchez escreve na contramão da ideologia. Os seus textos perturbam e contestam o poder dominante. Sua perspectiva, na esteira do cogito de Thompson, é contraideológica, ou seja, não está interessada na manutenção do discurso triunfalista e oficial do estado, mas justamente na desconstrução deste. Sánchez descortina o poder, ainda que ressalte que seu objetivo tenha sido mais singelo possível, isto é, “redigir desencantadas vinhetas da realidade” (p.12).

No que se refere aos modos operacionais da ideologia, Sánchez acaba por desvelar estratégias de falsa unificação e legitimação nas representações do discurso do governo cubano. A unificação apresenta-se na busca de mostrar elementos simbólicos comuns como um relicário nacional com intuito de manter os cidadãos imbricados a um tecido social partilhado. A legitimação, de sua parte, expõe a dominação como natural ou justa, na medida em que o autoritarismo asseguraria o ideário de segurança e bem-estar comum.

Interessante salientar ainda o papel das novas –ou já não tão novas assim– mídias como instrumento de contestações e insurreições na contemporaneidade. Se a televisão e o rádio ainda são do gosto das ditaduras, na medida em que atingem um grupo grande de pessoas e facultam o culto à personalidade e a tentativa emocional de galvanizar espectadores, a internet tem seguido outro caminho. A utilização de celulares tem-se mostrado particularmente representativa nas revoltas na Líbia e no Egito, por exemplo. Nessa perspectiva, o blog de Yoani Sanchez também se coloca como mídia alternativa ao rádio e televisão e as milhares de visitas, traduções e reconhecimento no exterior mostram que este caminho é bastante prolífero e alvissareiro. Os celulares e a internet parecem se configurar em mídias mais horizontais e participativas, carecendo, ainda, de maior democratização, para mensurarmos com exatidão seus efeitos.

Por fim, os escritos de Yoani Sánchez não podem ser confundidos com manifestos ou meros panfletos. O tom da escritora cubana não é proselitista, tampouco obtuso ou violento. Em vez disso, são textos fortes, contraideológicos e políticos, como tentamos apresentar aqui. Mas, para além das concepções teóricas e sociais, o que talvez mais impressione é o lirismo reflexivo de Sánchez como, ao descrever o primeiro sol de 2009, por exemplo, num relato emocional que, por si só, desmonta ideologias e falsas utopias e com o qual vale a pena encerrar este trabalho:

Os homens se sucedem, as ideologias vêm abaixo, os líderes agonizam e os discursos encurtam, tudo isso sob o repetitivo ciclo de um sol que



se põe e torna a nascer. Quando vejo o índio¹⁶ surgindo diante da minha sacada comprovo o quanto somos pequenos, o quanto são risíveis as pretensões de transcendência de alguns (p.151).

REFERÊNCIAS:

- ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Trad. Irène Cubric. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DARTON, Robert. **História da Leitura**. In.: BURKE, Peter (org). A escrita da história. São Paulo: UNESP, 1992.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORAIS, Fernando. **A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PLATÃO. Fedro. In: **Diálogos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.
- ROCHA, Marcelo. No reino da serpente: ideologia, transgressão e leitura em Pedro Juan Gutiérrez. Rio de Janeiro: Publit, 2008.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SÁNCHEZ, Yoani. **De Cuba, com carinho**. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Donato Petrolini. São Paulo: Contexto, 2009.
- THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

¹⁶ Nota do Tradutor: ‘Índio’ é uma das designações que em Cuba se dá para o sol. (opus cit.p. 151).